



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 11, pp. 52236-52240, November, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.23425.11.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

QUANDO O AMOR MACHUCA: ADOECIMENTO PSÍQUICO DECORRENTES DO TÉRMINO DAS RELAÇÕES AMOROSAS ATUAIS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS.

SANTOS, Cibele Castro¹; SILVA, Geovani Araujo¹; MOREIRA, Eliana Núbia²

¹Acadêmico (a) do Curso de Psicologia da Universidade de Gurupi – UnirG, Gurupi-TO; ²Orientadora, Professora do Curso de Psicologia da Universidade de Gurupi – UnirG, Gurupi-TO

ARTICLE INFO

Article History:

Received 20th August, 2021
Received in revised form
10th September, 2021
Accepted 14th October, 2021
Published online 30th November, 2021

Key Words:

Psychological Stress, Love,
Mental Health, Psychology.

*Corresponding author:
Geovani Araujo

ABSTRACT

Introduction: Love relationships are present in different stages of the evolutionary cycle, and their breakup can leave the individual painfully vulnerable, and its breakup is an event that generates anguish, the loss of a love relationship is associated with a variety of negative emotional responses. **Objective:** to investigate emotional suffering generated after the end of love relationships in academics from the health courses of the University of the South of Tocantins - Brazil. **Methodology:** The research was carried out at the University of the South of Tocantins - Brazil, between the months of August and November 2021, with data collection being carried out through an online questionnaire, using a form on the Google Forms platform. Aiming to collect the possible predominant feelings after the end of love relationships, this research was carried out with academics from courses in the area of health of that institution. This is an exploratory descriptive field research with a quantitative approach. **Results:** In this study, it was found that after the end of the love relationship, positive emotions predominated both for men and women, although in different intensities, as the level of positive emotions was higher for men than for women. Furthermore, women have a higher level of negative emotions than men, which indicates more suffering.

Copyright © 2021, CASTRO, Cibele et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: CASTRO, Cibele, SILVA, Geovani Araujo and MOREIRA, Eliana Núbia. "Quando o amor machuca: adoecimento psíquico decorrentes do término das relações amorosas atuais em estudantes universitários.", *International Journal of Development Research*, 11, (11), 52230-52235.

INTRODUCTION

O relacionamento amoroso é compreendido como um fenômeno afetivo social, abrange o cotidiano e os hábitos dos relacionamentos, o processo historic de construção dos papéis na conjugalidade e sua dimensão jurídica, a consciência do valor atribuído aos vínculos nas relações afetivas, como também, os sentimentos e os processos de comunicação envolvidos na dinâmica das relações amorosas (SCHMITT; IMBELLONI, 2011). Acerca dessa temática, é importante colocar, que os relacionamentos amorosos, pode proporcionar uma das mais ricas recompensas emocionais na idade adulta, são considerados como a principal fonte para o alcance de felicidade e de satisfação pessoal. No entanto, esta importância é mais bem percebida quando a relação não está satisfatória e/ou está ameaçada pela possibilidade de um rompimento ou de um luto amoroso (FERREIRA, SANTOS, 2018). As relações amorosas estão presentes nas diferentes etapas do ciclo evolutivo, e o rompimento desta, pode deixar o indivíduo dolorosamente vulnerável sendo a sua ruptura um evento gerador de angústia (BASTOS, 2012). Quando isso acontece, tanto o humor, como a capacidade de concentração, a energia, o trabalho e a saúde do indivíduo, dentre outras dimensões da vida, podem ser profundamente afetados (BRONINI et al., 2010).

Desta forma, a perda de um relacionamento amoroso está associada a uma variedade de respostas emocionais negativas, tais como, depressão, ansiedade, psicopatologia, solidão, doenças psicossomáticas, acidentes, e reações extremas como o homicídio ou tentativas de suicídio (GUEDES; MONTEIRO, LEITNER; MACHADO, 2016). Como mencionado, quando os relacionamentos afetivos se rompem, algumas alterações dos estados emotivos e psíquicos mostram-se presentes e constantes, na maioria das pessoas. (BIELSKI; ZORDAN, 2014). É importante realçar que aqueles que não escolheram terminar a relação apresentam menor ajuste emocional, imediatamente após a separação, ou seja, os indivíduos que não optaram por terminar o relacionamento apresentam uma adaptação emocional inferior comparativamente com os que optaram por terminar o relacionamento amoroso (DUCATTI, 2005). Como em muitos outros acontecimentos estressantes, cada indivíduo reage de forma diferente a este evento, podendo mesmo em algumas pessoas dar origem a um crescimento pessoal. Quando ocorre uma ruptura de uma relação amorosa é necessário um dispêndio de esforços para conseguir recuperar o equilíbrio emocional (LISBOA; CARNEIRO, 2008). Cada separação tem uma história e, quase sempre, provoca um abalo emotivo, esse momento, não é só o fim de

uma união afetiva, mas também a quebra de vínculos, de laços emotivos, sexuais e afetivos, criados (FERREIRA, SANTOS, 2018). A perda de um relacionamento amoroso é um evento que ocorre frequentemente entre estudantes que cursam o Ensino Superior (BASTOS, 2012). Desta forma, este estudo tem como objetivo investigar sofrimentos emocionais gerados após término de relações amorosas em acadêmicos dos cursos da saúde da Universidade de Gurupi.

REVISÃO DA LITERATURA

O RELACIONAMENTO NA CONTEMPORANEIDADE

Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade, vem assumindo diversas configurações, quando se compara com os relacionamentos tradicionais do final do século XIX, onde a duração era uma das características importantes. De acordo com essa nova configuração, é possível perceber que os adultos jovens vêm estabelecendo relações afetivas de curta duração, de modo que algumas podem ser transitórias podendo durar apenas algumas horas, alguns dias, semanas ou meses (BARONCELLI, 2011). Desse modo, surgem na contemporaneidade diferentes tipos de relacionamentos, utilizados pelas nomenclaturas como o *pegar, ficar, rolo, namoro, casamento* e relacionamento aberto. Algumas dessas relações possibilitam que os envolvidos mantenham um envolvimento paralelo, pois não apresentam estabilidade afetiva, já outros, entretanto exigem um pouco mais de lealdade e cumplicidade dos parceiros (SMEHA; DE OLIVEIRA, 2013).

Essas mudanças refletem na construção das subjetividades e nas formas de vinculação social, afetiva e sexual. A contemporaneidade nos desafia a viver na ausência de um modelo único, ou melhor, a lidar com um modelo múltiplo de identidades e papéis que, respondendo a diversos contextos, tornam-se contraditórios (DE SOUSA; DE MENESES SANTO, 2008). Nesse contexto, observa-se uma ordem das relações descartáveis, do *"ficar"* ou relacionamentos líquidos, da quantidade em detrimento da qualidade, onde ocorre uma diminuição da complexidade bem como do envolvimento dos relacionamentos (JUSTO, 2005). De acordo com Zygmunt Bauman, (2004) os relacionamentos amorosos na sociedade pós-moderna se caracterizam como a sociedade líquida, mostrando que as relações amorosas estabelecidas são frouxas e leves. De modo que os indivíduos são mesmo tempo em que dizem querer um relacionamento duradouro, querem acima de tudo preservar sua liberdade.

Entre as novas formas de se relacionar, também se pode observar a troca frequente de parceiros nos relacionamentos entre jovens (ACSELRAD; BARBOSA, 2017). Bauman (2004) atribui esse paradoxo ao fato de que hoje, homens e mulheres têm a oportunidade de vivenciar inúmeros *"amores"*. Ambos esperam envolver-se profundamente e hesitam *"entregar-se"* e, assim *"fechar-se"* às outras possibilidades. Assim, é concomitante o desejo de estreitar laços e mantê-los frouxos, pois os indivíduos anseiam por uma relação intensa, mas com o mínimo de compromisso. Estar junto de alguém e não estabelecer relações duradouras marca a ambivalência das relações contemporâneas (CUGINI, 2014).

Na modernidade, os laços afetivos se tornam cada vez mais frágeis, o que decorre das crescentes relações de consumo características de nosso contexto histórico. No entanto, Bauman (2003), também afirma que, mesmo dentro desta fragilidade, existe uma necessidade de relacionamento entre as pessoas sendo que estes relacionamentos apenas estão mais rápidos e menos cristalizados do que em tempos atrás. O autor refere-se à metáfora do *"amor líquido"* como uma forma de compreender a complexidade das relações afetivas do ser humano na atualidade, como relações que são frágeis, e inconstantes (BAUMAN, 2004). Apesar das características efêmeras do amor, é interessante perceber o quanto ainda este é almejado como se fosse eterno, mesmo sabendo-se que poderá durar menos do que se imagina. Como a insegurança causa mal-estar, pode-se compreender que as pessoas envolvidas em relacionamentos amorosos na

atualidade, tentam controlá-los como se controlam investimentos realizados no mercado (GUEDES; ASSUNÇÃO, 2006).

ROMPIMENTOS AFETIVOS AMOROSOS

A separação ou rompimentos de relacionamentos amorosos caracteriza-se como a quebra de vínculos afetivos, sexuais, emocionais e materiais, sendo essa uma situação experimentada pela maioria das pessoas e pode trazer fatores de contribui para um sofrer emocionalmente devido a perda do vínculo amoroso (SCHLÖSSER *et al.*, 2016). O fim de um relacionamento amoroso traz, de forma geral, uma série de sentimentos que perpassam o estado emocional do indivíduo que *"perde"* seu (sua) parceiro (a), tais como solidão, culpa, luto, ciúmes, inveja, raiva, insegurança, saudade, carência, dor, desejo de vingança, entre outros. Em alguns casos, a separação pode ser vivenciada por uma sensação de alívio, embora predominem a incerteza e a insegurança advindas desse rompimento (MIRANDA; RAMOS, 2012). Corroborando, alguns autores, compreendem que o rompimento de uma relação amorosa pode ser vivenciado como uma experiência dolorosa. A separação, em muitos casos, gera momentos de desespero, no qual constantes perguntas sem respostas são feitas: *"era mesmo necessário?"* ou *"por que tinha que acontecer justamente comigo?"* (GUEDES; MONTEIRO-LEITNER; MACHADO, 2016). A partir disso, essa experiência de rompimento evoca sentimentos fortes, e é algo que tem se tornado mais frequente mediante transformações nos princípios, valores e condutas que permeiam as normas sociais contemporânea, pois atualmente, é difícil encontrar um ser humano que nunca tenha vivido uma perda amorosa (DE SOUSA; DE MENESES SANTO, 2008). Outra característica que pode diferir nos sentimentos decorrentes do término de um relacionamento amoroso seria advinda de quem é o responsável pelo término, tendo em vista que pessoa *"deixada"* tende a sofrer em maior escala. Já o indivíduo que rompe a relação pode apresentar a sensação de alívio e, ou, euforia, por meio da libertação de um vínculo que possivelmente lhe trazia infelicidade (BRONINI *et al.*, 2010). Posteriormente, podem surgir os sentimentos de dor, culpa e tristeza, mediante as lembranças dos bons momentos vivenciados pelo casal além de sentimentos como raiva e frieza, ao focar os aspectos ruins do relacionamento, servem como anestésico da dor do término, como forma de autoconvencimento de que a perda não foi grande (BASTOS, 2012). Cabe ressaltar que a separação gera um rompimento muito doloroso, causando assim perdas significativas, não só do relacionamento, mas em muitos casos, o rompimento deste vínculo significa a perda de si próprio projetado no outro, ou é possível refletir que *"eu morro dentro do outro e ele morre dentro de mim"* (NEVES, 2015). Desta forma é preciso romper definitivamente com todos os vínculos que mantiveram a relação, para não causar mais sofrimento, pois assim o sujeito que está sofrendo poderá gerar outro vínculo amoroso, como afirma Bastos (2000) que esses rompimentos muitas vezes se mostram necessário, a fim de poder se abrir um espaço para a formação de um novo vínculo que venha a complementar, mais intensamente, as necessidades básicas do amor.

QUANDO O AMOR MACHUCA

Na experiência humana, quando se experimenta o rompimento de um vínculo afetivo, ficam-se suscetíveis a diversas expressões emocionais. O fim de um relacionamento trás características que são constantes e gerais dos estados emotivos e psíquicos próprios dos momentos de separação, dolorosos e difíceis de superar, mesmo cada indivíduo sendo único e cada experiência de vida nunca se repetir em sua especificidade (BIELSKI; ZORDAN, 2014). Quando o relacionamento se rompe, o trabalho necessário para recuperar o equilíbrio emocional e existencial requer um dispêndio de energia psíquica, já que esse momento provoca sentimentos semelhantes a um enlutamento, o término do relacionamento, em muitos casos, representa a perda de uma idealização que pode ser vivenciada com um grau de sofrimento acentuado (NEVES, 2015). Na medida em que a separação constitui a tão desejada solução para um problema que não poderia ser resolvido de outra forma, deveria, então, ser vivida como uma sensação de alívio, mas a mobilização emocional pós-separação, é intensa, pois a pessoa está diante do medo, da incerteza,

da insegurança, que caracterizam a mudança de aspectos importantes de si mesmo. São comuns as atitudes irracionais, ilógicas e impulsivas (DUCATTI, 2005). Apesar de, muitas vezes, as pessoas romperem seus relacionamentos afetivo-sexuais, por lhes parecer a melhor opção, pelo fato de não os considerarem mais relações prazerosas, é comum que o término de um relacionamento estimado pelos pares seja uma situação que cause uma grande mobilização emocional nas pessoas envolvidas. Reações como desesperança, tristeza, dificuldades de escolher outro objeto de amor são comuns nessa etapa do relacionamento (SCHLÖSSER *et al.*, 2016). Com o término do relacionamento é comum que se superestime na figura perdida, ou seja, o indivíduo passe a pensar em demasia nesse alguém que foi embora, e o pensar nesse outro alguém, pode ser fonte dos mais variados sentimentos. Por si, só esse elemento pode gerar inquietação e conflitos nas pessoas que se deparam pensando em situações associadas com o seurelacionamento passado, sobretudo, com a figura do (a) ex-parceiro (a). Tal mecanismo psíquico ser confundido como uma incapacidade de esquecer esse outro alguém, quando na verdade é um aspecto comum a perda de qualquer objeto (DE ALMEIDA, 2013). Muitos autores concordam em afirmar que após um rompimento amoroso, o parceiro abandonado padece de um sofrimento semelhante ao experimentado ao perder um ente querido por morte, posto que toda a perda de uma pessoa amada implique em grandes mudanças em diferentes esferas da vida de uma pessoa (ALMEIDA; AGUIRRA, 2013; BOWLBY, 1998; BRONINI *et al.*, 2010; KOVÁCS, 1992). De acordo com a literatura, as reações mais típicas face ao rompimento amoroso pode ser caracterizadas por quatro tipos de manifestações, a primeira, manifestações comportamentais, como o choro, isolamento, fadiga e comportamentos de procura. Segundo, as manifestações afetivas, como raiva, solidão, anedonia, ansiedade, sentimento de culpa e humor depressivo. Terceiro, as manifestações cognitivas, como baixa autoestima, a depressão, desespero, descrença, apatia, desânimo, pensamento lentificado, lapsos de memória e preocupação intensa com a pessoa que tomou a iniciativa do rompimento amoroso. E, por último, as manifestações fisiológicas, como perda de apetite, perturbações do sono, queixas somáticas e a vulnerabilidade para doenças (ALMEIDA; LIMA, 2016; ALMEIDA; RODRIGUES; SILVA, 2008; ALMEIDA; AGUIRRA, 2013). Repercussões como essas causam sofrimento significativo, principalmente para quem foi abandonado, fazendo com que as pessoas recorram à psicoterapia, quando não há medicações prescritas e o uso e o abuso de substâncias como álcool e drogas ilícitas para servirem como lenitivos para seu estado emocional fragilizado. Não raramente, os psicólogos e demais profissionais da saúde recebem pacientes com essas queixas (PRIZENTELLI, 2008).

METODOLOGIA

O estudo realizado trata-se de uma pesquisa de campo, exploratória descritiva, com abordagem quantitativa. A abordagem quantitativa se caracteriza pela quantificação dos dados coletados, durante a análise do problema. A pesquisa exploratória e descritiva para Gil (2002), tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema para torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, e descrição das características de determinada população ou fenômeno ou a relação entre determinadas variáveis. A pesquisa foi realizada na Universidade de Gurupi – UnirG, entre os meses de agosto a novembro de 2021, sendo a coleta de dados realizada através de um questionário online, por meio de formulário na plataforma *Google Forms*. Objetivando coletar os possíveis sentimentos predominantes após o término de relações amorosas, esta pesquisa foi realizada com acadêmicos dos cursos da área da saúde da referida instituição. Primeiramente, solicitou a autorização por parte da instituição de ensino superior UnirG, local onde se realizou a pesquisa com os universitários. Em seguida, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o parecer de aprovação CAAE 38344120.1.0000.5518. Foram incluídos participantes devidamente matriculados entre o 1º ao 10º período dos cursos de graduação de Enfermagem, Farmácia, Educação Física, Fisioterapia, Odontologia, Medicina e Psicologia da Universidade de Gurupi, de ambos os

gêneros com idade entre 18 a 25 anos de idade, e que afirmaram ter vivenciado o término de um relacionamento amoroso num período de no mínimo 3 meses. Que concordaram com a participação voluntária na pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice A) na modalidade *online*. Em relação à escolha do público da pesquisa, é importante mencionar que se deu pela observância de estudos associando profissionais da saúde e estudantes da área da saúde às questões envolvendo saúde mental e fatores emocionais, constatando, que o sofrimento emocional do grupo pesquisado não se limita a ele próprio, mas tem impacto emocional sobre sua relação com os pacientes. Assim, a escolha dessa população dá-se por também a necessidade de verificar os sentimentos gerados após terminos de relações amorosas nesse público e seu impacto na saúde mental desses universitários. Desse modo, essa escolha é considerada prioritária para a realização desta pesquisa, uma vez que é constituída por pessoas jovens vivenciando essa fase universitária, onde se torna mais frequente as vivências de relacionamentos e rompimentos. Os dados foram coletados pelo questionário “Sentimentos Predominantes Após O Término De Relações Amorosas” (MARCONDES; TRIERWEILER, 2006). desse questionário possui questões abertas e fechadas sendo ao total 37 alternativas entre atitudes consideradas positivas (oito) e negativas (vinte e nove), além das perguntas de identificação, tem como base o modelo *Likert* que consiste em questões múltiplas escolhas sobre um determinado tema. A aplicação ocorreu por meio de um formulário *online* pela a plataforma *Google Forms*, onde o link foi disponibilizado aos representantes de turma sendo repassado aos acadêmicos para responderem sobre os possíveis sentimentos predominantes após o término de relações amorosas. Após a coleta dos dados, os mesmos foram agrupados em categorias obedecendo aos pontos dos perfis pesquisados, contados, transformados em porcentagem e apresentados em tópicos e discutidos com referencial teórico encontrado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo resultou com 94 questionários respondidos de acordo com os critérios de inclusão, sendo excluídos 54 respondentes por não atenderem aos critérios previamente estabelecidos. A partir dos dados foi constatado que a média de idade dos participantes foi de 21 anos do sexo masculino e 22 do feminino e predominou o sexo feminino (79 mulheres). Com relação à orientação sexual, tinham como alternativas de respostas ser heterossexual, homossexual e bissexual, 14 dos 94 participantes haviam tido relacionamentos homoafetivos. A média de duração do relacionamento amoroso (que foi rompido) foi de menos de dois anos, para ambos os sexos. Com relação há quanto tempo os participantes haviam terminado seu relacionamento, constatou-se que as mulheres romperam há menos tempo do que os homens, sendo que a média de tempo do término delas foi de 1 ano e 6 meses, e a média deles foi de 1 ano e 8 meses. Quanto à forma como a relação terminou, 68,4% dos homens afirmaram que não terminou em brigas e 31,6 % das mulheres informaram que foi com brigas. Em relação à decisão do término, 68,7% dos homens assinalaram que eles decidiram romper e 61,9% das mulheres destacaram terem tomado a atitude de romper o relacionamento. Em relação a continuar amando o parceiro mesmo após o término, 40,4% dos homens responderam positivamente enquanto as mulheres responderam com 48,7%. As emoções vivenciadas pelos acadêmicos entrevistados, foram entendidos a partir de sentimentos positivos e negativos. Os dados foram coletados pela Escala de Vivência de Sentimentos Após o Término de Relacionamentos Afetivos. Dessa maneira, o sentimento positivo que predominou com o término do relacionamento amoroso, com maior incidência nas mulheres, foi o sentimento de “felicidade”, em 78,3%. No entanto, para 39,7% dessas mulheres o sentimento se apresentou de forma moderada. O sentimento de “alívio” foi enunciado por 68% das participantes e todos oscilaram entre a intensidade moderada, frequente e extremamente. Quanto a “conseguir distrair-se com outras coisas”, esse quesito foi atingido por 89,4% das mulheres e todas oscilaram entre a intensidade moderada, frequente e extremamente

Quadro 1. Dados Sociodemográficos

Participantes	Sexo	Orientação Sexual				Idade	Tempo de duração do último relacionamento Média	Terminou com briga %		Quem terminou %			Continuou amando %		
		Het.	Hom.	Bis.	Em branco			Sim	Não	Eu	Ele(a)	Ambos	Não	Pouco	Sim
M	15	6	8			21	1 ano e 8 meses	31,6	68,4	68,7	20	11,3	28,4	40,4	31,2
F	79	73	6			22	1 ano e 6 meses	64,7	35,3	61,9	29,4	8,7	17,7	48,7	33,6

Nos participantes do sexo masculino os sentimentos felicidade, satisfação e alívio também foram relatados. Dessa maneira, felicidade e a satisfação se apresentaram com 78,9% e 76,4%, respectivamente. Porém, a sensação de alívio foi assinalada por 88% deles. Nesse sentido, é possível perceber que os homens tendem a superar o final de relacionamentos com mais sentimentos positivos. No que se refere aos sentimentos negativos, as mulheres apresentaram com mais intensidade os sentimentos de “desprezo” pelo ex-parceiro, “medo da solidão”, “tristeza e mágoa”, “preocupação com o que iria acontecer”, “raiva” do ex-parceiro, “decepção com o término” e “choro constante”. O “medo da solidão”, “tristeza e mágoa” foram os que predominaram, com 67,2%, seguidos pela “preocupação com o que iria acontecer” em 75% das respostas. “Choro e raiva” foram assinalados por 67% das mulheres, a “decepção com o término” foi marcada por 92,6%, e o “desprezo pelo ex-parceiro”, por 49,6% delas. Quanto as respostas dos homens, foi possível perceber que sentimentos de arrependimento com 78,4% e de culpa com 40,8% foram predominantes. Nessa continuidade, 66,4% deles identificaram sentimentos de tristeza e mágoa, bem como irritação constante. Nesse seguimento, 50,7% relataram através das respostas que estava incerto de sua atitude, pensava que era uma grande perda, senti raiva e estava desiludido e preocupava-me com o que iria acontecer. Nessa continuidade, s resultados deste estudo mostram que as emoções positivas após o término de um relacionamento amoroso são prevalentes tanto para homens quanto para mulheres, embora em intensidades diferentes. Inicialmente, esses dados são relevantes e semelhantes a vários estudos que o sofrimento é resultado de um relacionamento amoroso rompido (BASTOS; ROCHA; ALMEIDA, 2019; SILVA; OKOMOTO, 2020; DA SILVA; LOPES, 2021). Em estudo de Biesky e Zordan (2014) sobre a vivência de jovens no final de relacionamentos amorosos em comparação com homens e mulheres adultos, constatou-se que as mulheres têm sentimentos mais intensos relacionados ao ex-parceiro, como medo da solidão, tristeza e raiva; corroborando com os dados coletados neste estudo. Por outro lado, os homens têm maior probabilidade do que as mulheres de se sentirem culpados e com remorso, embora demonstrem tristeza, ressentimento e raiva ao mesmo tempo. Nesse sentido, as mulheres apresentaram médias superiores negativas do que os homens, o que mostra que sofrem mais quando rompem um relacionamento amoroso. Esses achados confirmam os achados de Pereira *et al.* (2012), que afirma que homens e mulheres diferem na depressão após a cessação porque relatam depressão mais grave. Portanto, uma coisa que pode ser determinada é que os homens têm menos probabilidade do que as mulheres de sentir dor e tendem a vivenciar o seu processo de término de forma reclusa. Em um estudo com 286 estudantes universitários que nunca se casaram e que relataram ter perdido um relacionamento romântico como resultado de um ou mais rompimentos, os universitários relataram sentimentos de tristeza, depressão, insônia, perda de apetite, exclusão social, ciúme, perda de autoconfiança e sensação de fracasso relatada (CARTER; KNOX; HALL, 2018). Considerando essas influências, em outra demonstração de 101 estudantes universitários que encerraram seu caso de amor na Turquia nos últimos dois anos, sentimentos de infelicidade, raiva e, principalmente, sentimento de impotência (BARUTCHU; AYDIN, 2013).

CONCLUSÃO

Neste estudo, verificou-se que após o término do relacionamento amoroso, as emoções positivas predominaram tanto para homens quanto para mulheres, embora em intensidades diferentes, pois o nível

de emoções positivas foi maior para os homens do que para as mulheres. Além disso, as mulheres apresentam maior nível de emoções negativas do que os homens, o que indica mais sofrimento. Esses achados podem estar relacionados a aspectos culturais que caracterizam as diferenças de gênero, por meio dos quais as mulheres são ensinadas a valorizar os relacionamentos românticos e são estimuladas a encontrar um parceiro, enquanto os homens têm maior probabilidade de estudar e esperar um foco maior no aspecto profissional, além de ser ensinado a mais contido, não interferir muito nos relacionamentos românticos e não expressar dor quando essas rupturas ocorrem. Nesse viés, novos estudos são necessários para posterior discussão sobre a temática.

REFERENCIAS

- ACSELRAD, M.; BARBOSA, R. R. L. O amor nos tempos do Tinder: Uma análise dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade a partir da compreensão de adultos e jovens adultos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 17, n. 1, p. 161–180, 2017.
- ALMEIDA, T. DE; LIMA, R. D. DE. O poder do ex em minha vida: Sobre a influência das relações cíclicas no cotidiano das relações amorosas. *Pensando famílias*, v. 20, n. 2, p. 99–114, 2016.
- ALMEIDA, T. DE; RODRIGUES, K. R. B.; SILVA, A. A. DA. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de psicologia (Natal)*, v. 13, n. 1, p. 83–90, 2008.
- ALMEIDA, T.; AGUIRRA, D. O fim do que era para ser para sempre: O que fazer uma vez que o luto pelo rompimento da relação acabou. *Relacionamentos amorosos: O antes, o durante e o depois*, v. 1, p. 417–435, 2013.
- BARDIN, L.; RETO, L. A.; PINHEIRO, A. Análise de conteúdo. Edições 70. Lisboa, Portugal, 2011.
- BARONCELLI, L. Amor e ciúme na contemporaneidade: reflexões psicossociológicas. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 1, p. 163–170, 2011.
- BASTOS, V. M. R. Efeitos da perda de um relacionamento amoroso em estudantes do ensino superior. 2012.
- BAUMAN, Z. A sociedade líquida. *Folha de São Paulo*, v. 19, p. 4–9, 2003.
- BAUMAN, Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. [s.l.] Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.
- BIELSKI, D.; ZORDAN, E. Sentimentos predominantes, após o término do relacionamento amoroso, no início da adultez jovem. [s.l.] *Perspectiva*, 2014.
- BOWLBY, J. Apego e perda: separação, angústia e raiva. Tradução Leonidas Hegenberg, v. 4, 1998.
- BRONINI, B. C. *et al.* O rompimento dos relacionamentos afetivo-sexuais e suas resultantes. *Anais*, v. 8, p. 376–387, 2010.
- CUGINI, P. Identidade, afetividade e as mudanças relacionais na modernidade líquida na Teoria de Zygmunt Bauman. *Diálogos possíveis*, v. 7, n. 1, 2014.
- DE ALMEIDA, T. *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois* vol. 3. São Paulo, 2013.
- DE SOUSA, J. C. N.; DE MENESES SANTO, L. B. Sexualidade: Reflexões sobre Relacionamentos Amorosos na contemporaneidade. 2008.
- DUCATTI, D. C. P. O luto da separação nas relações amorosas. *Dor silenciosa ou dor silenciada*, p. 77–94, 2005.

- FERREIRA-SANTOS, E. Ciúme: O medo da perda. [s.l.] Claridade, 2018. GIL, A. C. Metodologia científica. São Paulo, v. 3, 2002.
- GUEDES, D.; ASSUNÇÃO, L. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). Revista Mal-estar e Subjetividade, v. 6, n. 2, p. 396–425, 2006.
- GUEDES, D. D.; MONTEIRO-LEITNER, J.; MACHADO, K. C. R. Rompimento amoroso, depressão e auto-estima: estudo de caso. Revista Subjetividades, v. 8, n. 3, p. 603–643, 2016.
- JUSTO, J. S. O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. Revista do Departamento de Psicologia. UFF, v. 17, n. 1, p. 61–77, 2005.
- KOVÁCS, M. J. Morte, separação, perdas e o processo de luto. Morte e desenvolvimento humano, v. 2, p. 149–164, 1992.
- LISBOA, A. V.; CARNEIRO, T. F. ... Até que a doença nos separe? A conjugalidade e o adoecer somático. Psico, v. 39, n. 1, p. 6, 2008.
- MIRANDA, C. E. S.; RAMOS, J. DE S. A fragilidade dos relacionamentos conjugais na contemporaneidade. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, 2012.
- NEVES, C. C. Luto complicado nas separações amorosas. Monografia de Especialização. Quatro Estações, Instituto de Psicologia, São Paulo, 2015.
- PRIZENTELLI, C. C. Coração Partido: O luto pela perda do Cônjuge. São Paulo, 2008.
- SCHLÖSSER, A. *et al.* Representações sociais de término de relacionamentos amorosos em músicas do sertanejo universitário. Psicologia em Revista, v. 22, n. 2, p. 407–427, 2016.
- SCHMITT, S.; IMBELLONI, M. Relações amorosas na sociedade contemporânea. Psicologia PT, 2011.
- SMEHA, L. N.; DE OLIVEIRA, M. V. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. Psicologia: teoria e prática, v. 15, n. 2, p. 33–45, 2013.
